

A Senhora da Melancolia

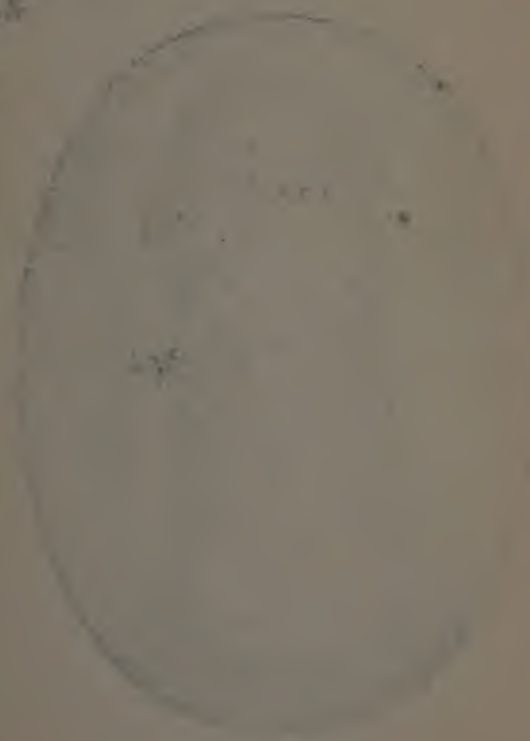


8 Avatares de um Deus

por

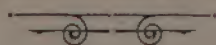
Gomes Leal

Handwritten text, possibly a signature or date, located above the oval.



A SENHORA DA MELANCOLIA

↔ Gomes Leal ↔



A Senhora da Melancolia

Avatares de um Arteu

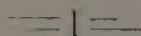


Livraria Moderna
Editora
Rua Augusta, 95

Typographia
45, Rua Ivens, 47
Lisboa - 1910

Dedicatória

A Senhora Tenebrosa. Desgostosa e Silenciosa, a Inconsolavel Mãe das almas errantes e uiuantes, Adeogada das tristezas mûdas e das lagrimas que correm baixinho, Protetora dos corações ciuãos e amaldiçoados, Tocha funeraria dos Tristes, Urna lacrimal dos Vencidos, Mãe da Saudade e das dôres irreparaveis, Capa dos mendigos e dos leprosos das cidades malditas, Senhora dos Gutos e das Itagrimas, Rainha dos Suspiros, dos Soluços, das Sete Espadas, oferece, dedica e consagra o autor, em sua devoção, este pequeno obelisco negro, com sete degraus de marmore preto.



A Senhora Silenciosa

*Quem pode negar a dupla vista dos
Tristes?... Quem pôde fitar ou vêr
aquillo que elles vêem, sondar o que
elles sondam, nas concavidades da
Sombra?*

Não foi n'um medieval castelo de baláda,
nem foi na Terra Santa aonde váe o romeiro,
nem n'um bairro judeu historico e trigueiro,
que eu ví esse perfil de Hebreia celebráda.

Foi d'um abismo ao pé. — Muda, em pranto, caláda,
jorrou dentro em minha alma um balsamo fagueiro,
quando eu ia rolar no atroz despenhadeiro
dos infernos mundiaes, ante o altar do *deus Nada*

Sim! quando ia rolar nas trevas taciturnas,
quando eu sentia já esse báfo das furnas,
que nos gela a epiderme e inteiriça de horror...

quando nada no abismo a quêda me sustinha,
silencioso esse olhar floriu, Senhora Minha!
— qual negro vaso etrusco a raiz duma flor.





— II —

A Senhora da Melancolia

*E como ella me pareceu tenebrosa,
desgostosa, e silenciosa, chamci-lhe
a Senhora da Melancolia.*

Porquê tão triste assim? — Não sei. Estarrecido,
votiei-lhe um culto 'ideal, amor mais que terreno.
Sua mágoa é um Sol que eu rasteiro e pequeno
adôro no meu pó como um *Parse* vencido.

Sua melancolia a minha alma há rendido!...
Seu grande ar tenebroso e o seu olhar de threno
teem magia maior do que as *nives* do Rheno,
do que as *sagas* da Etruria, as *sibílas* de Gnido.

Ella habita um palacio, eu um misero albergue.
Mas já morou na treva, onde nunca o sol se ergue,
nas solidões de Job e a triste Agar errante.

E máu grado entre nós haver um cávo abismo,
são d'esse olhar lutuoso, um fluido, um magnetismo,
—que me rende, me atráe, subjuga a cada instante!





— III —

A Senhora das Lagrimas

*Avatar! Avatar! Um dia, vos narra-
rei todos os meus avatares!*

Cávo a propria memoria e entre largas palmeiras
surge Jerusalem, n'um passádo já morto.

Creio ter sido outr'ora um Romano e no Horto
n'um choro sol posto, errar entre oliveiras.

Será um sonho vão? — Entre lanças guerreiras,
vejo-me centurião da Torre Antonia, e absorto
contemplando Sião, Josafat, o Mar Morto,
e a agua de Siloé regando as romanzeiras.

Creio avistar tambem, mal veláda n'um véo,
atrás d'um porta-cruz que insulta o povoleo,
a imagem que eu já vi, a mesma imagem rara.

- E' ella! E' ella! E' ella! E' seu rosto dorido!
- Contorce as reaes mãos de marmore polido!
- Cae-lhe o pranto em silencio, em silencio, na cára.





— IV —

A Senhora dos Suspiros

Beati qui lugent!

Revejo-a outra vez ás luzes das estrelas,
n'um serro desoládo, o *atroz Campo do Oleiro*,
â lua que prateia o elmo das sentinelas,
e junto a uma alta cruz ao monte sobranceiro.

Já vi o mar em fúria e a terra n'um brazeiro,
já vi crucificar leões, reis, e donzelas,
mas nada igual ao horror das tres estatuas belas,
tres Estatuas da Noite, ao pé d'esse madeiro.

Uma era Salomé, outra Magdá, e ainda
a *Dôr que não tem nome*, a Hebreia grave e linda,
a rosa de Saron que gemeu nos retiros.

Essa é como a Raquel da Judéa chorosa.
Não quer consolações. Longe das mais, lutuósa,
— uiva a matilha atróz dos ais e dos suspiros!





— V —

A Senhora dos Soluços

Videte si est dolor, sicut dolor mea!

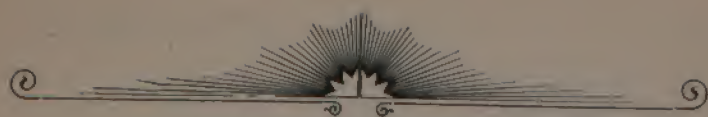
Tiberio discutia irritado escultura
certa noite em Capréa. — A lua era bonita.
Jogava com Sejano e eu, A certa altura,
derrúba a mesa ao chão de oiro e de malaquita.

«Já viste alguma vez — grita-me elle — a Amargura,
quer seja em carne, em bronze, em marmore, uma cripta,
sofrer como em Nióbe, essa extranha figura,
cuja pedra dá ais, chóra, treme, palpita? . . »

— Já vi outrora, eu disse — ó Cesar! -- na Judea,
a forma escultural d'uma mulher hebreia,
sobre a campa do filho arrastar-se de bruços.

— Nunca vi egual flor de cabelos castanhos!
— Nunca vi maior dôr em olhos mais estranhos!
— Nunca meu coração olvidou seus soluços!





— VI —

A Senhora das Sete Espadas

*Anankê! Anankê! Anankê!
Que sacrilegio! Que sacrilegio!*

Outra noite, éra em Roma. — Eu estava n'uma orgia, junto de Cesar Bórgia e uma real devassa.

O Cristo estava em frente, ao alto. Enchi a taça de Rheno e arremessei-o ao Cristo que morria.

O ultraje era sangrento e macábra a ousadia!...

O vinho purpurou-lhe o corpo niveo. E a baça fronte que alága o horror e o livor da desgraça, dóbra .. dóbra-se ao chão... com mais melancolia.

Quando enfim me escapei da bacanal urrante,
corta-me o passo a Sombra. Em vóz febricitante,
bradei: Que me ólhas tu, com vistas irritadas?...

Nada me respondeu a Sombra amada e triste.
Mas minha alma gemeu: — *Foste tu que reabriste
o sangue que hoje cáe d'aquelas sete espadas!*





— VII —

Miserère mei!...

Les Mères! Les Mères!

FAUST

A's risádas entrei n'uma egreja ás matinas.
— Conservava-se ateu meu coração corrúto—
Eis vejo sobre o altar o extranho ser de luto,
rasgádo o coração por sete espadas finas.

Chorei. Prostrei-me em terra. — Essas formas divinas
não as púde fitar de rosto calmo e enxuto!
Era a mão maternal... era o braço impolúto...
que afastavam meus pés das ervas das ruínas!

Era o báfo de mãe, a indulgencia, o carinho,
era a áza que que afága o implume passarinho,
a mão que enxuga a testa ao menino, a dar ais...

O' Mãe triste! O' Mãe terna! O' Mãe dos olhos castos!
acólhe esta alma em pranto, hirta ao frio, de rastos,
— qual triste engeitadinha á porta de seus páes!



NOTA

Á CERCA DOS

AVATARES DE UM ATEU

A *Senhora da Melancolia* tem um extranho sub-titulo assás profano: — *Avatares de um ateu*

Expliquemos este sub-titulo.

Avatar é um termo extraído das liturgias indianas, que significa *reincarnação*. Segundo estas ancestraes liturgias, a alma humana pôde reincarnar na terra, ou n'outro qualquer planeta, tantas vezes quantas lhe sejam necessarias para o seu depuramento espirital definitivo.

Vishnú é conhecido e venerado na India inteira como o deus dos *noze avatares*. O proprio Brahma, o chefe da trindade divina, a indiana *trimurti*, não foi isento d'esta lei universal mistica. Jous Crichna, conhecido na Europa pelo *Cristo Negro* da India, mais o famoso e celebrado Budhá, reverenciado tambem sob o nome sagrado de *Çákia-Muni*, foram as derradeiras incarnações de Vishnú. O Egípto adoptou da India a teoria das reincarnações, as quaes n'elle foram denominadas *metempsychóses*.

Pitágoras, filósofo grego, natural de Samos, e que havia sido iniciádo nos misterios rituaes do Egípto, assegurava recordar-se, alem de outras extranhas existencias anteriores, haver sido um famoso combatente na guerra de Troia. O célebre conde de Saint Germain, que tanto brádo deu nas côrtes de Luiz XV e Luiz XVI, pelas suas riquezas babilónicas e theorias excepçionaes, gabava-se de ter sido um guerreiro do tempo das Cruzádas.

Simão o Mago, Apollonio de Thyana, e o famoso Cagliostro professaram doutrinas identicas, e como estas anormaes.

Há quem assegure tambem que Jesus Christo, o *Rabbi* de Nazareth, pretendia aludir a estas reencarnações successivas das almas, quando, sendo procurado misteriosamente de noite, por um seu sectario encoberto, homem abastado de bens e assás considerádo no sinhedrio de Jernusalem, chamado Nicodémus, lhe disse estas decerto significativas palavras: — *Na verdade, na verdade, te digo que não pôde vêr o reino de Deus scido aquelle que renascer de novo.*

Se estas palavras parecerem, porém, ainda obscuras ou simplesmente parabolicas, mais transparentes e claras ainda são estas que disse aos discipulos falando de João Baptista, o *Precursor*: — *Se vós o quereis bem comprehender, elle é aquelle Elias que ha de vir.* E mais tarde ainda estas não menos suggestivas: — *Elias decerto há de vir e restabelecerá todas as cousas. Digo-vos porém que Elias já veio, e elles não o conheceram, e fizeram d'elle tudo quanto quiseram.*

Foi só então a esta teoria das reencarnações, nitida e transparentemente enunciada por Jesus, que os Apóstolos conheceram que se tratava do Baptista, morto por haver combatido as impiedades d'aquelle voluptuoso, dissimulado, sardónico e incestuoso Herodes Antipas, tetrarca da Galiléa. Só então comprehendiram que o Precursor fôra portanto uma reencarnação d'aquelle rígido, cavado, e austero profeta Elias, que outr'ora combatera intrépidamente de face as atrocidades do Rei Achab, e confundira com ásperas palavras e prodigios magnificos as imposturas dos sacerdotes de Baal, tal como mais tarde, no reinado de Antipas, confundiria as doutrinas dos Phariseus, dos Saduceus, e dos Mestres da Lei Mosaica.

Ora estas finaes palavras sobre as reencarnações proferira-as Jesus, na extraordinaria scena da Transfiguração, sobre a montanha do Thabor, n'aquella magestosa e poetica montanha da Síria, ao sudoeste do lago de Tabariéh.

Qual é o objectivo philosophico da *Senhora da Melancolia*, e do seu sub-titulo *Avatares de um ateu*, perguntar-nos-hão.

Como poesia, ella é um preito doloroso, angustioso, tenebroso: como philosophia, o propósito do autor, que melhor esclarece ainda o sub-titulo, estriba-se na mesmissima tésé do Fausto, com uma ligeira variante.

A tésse do Gœtho ora esta: — que o verdadeiro homem de génio, mesmo afastado durante um largo período de tempo do ideal de Deus, regressa um certo dia sempre a elle, como fim inevitavel e único de toda a Sciencia e toda a actividade humana.

A variante do autor é esta: — Não é imprescindivel de forma alguma que seja um homem de génio aquellê que um bello dia encontre a sua estrada real de Damasco, como Saulo, e noudo ali a cegueira dos seus olhos se cure e dissipe emfim. Basta que elle seja um homem justo, recto, limpo de coração, e que haja sempre fortemente e sinceramente aspirado ao ideal supremo da Verdade Absoluta. Esse regresso pôde não occorrer n'uma única existencia — que é um minuto apenas da eternidade — mas n'uma série estirada d'ellas, até que se complete a espiritual perfeição.

Esse dia será na realidade o primeiro da felicidade do Homem, e o ultimo que marcará o óbito e o enterro de Satanax. Dahi os *Avatares de um ateu*, cuja teoria é mais consoladora, de certo, do que a dos ciclos tenebrosos dos infernos do Danto, dos quaes as portas encarnadas serão fechadas para todo o sempre um dia á chave, por desnecessarias e estereis, e por que ellas entenebrecem a doutrina tão limpida, tão calma, e tão plácida de Jesús.

Mas esta tésse — dir-nos-hão — é como a vossa propria poesia, uma extranha e excepcional *Camelia Azul da Utopia!*

Que importa! . . . Bemditas essas extranhas *Camelias Azues!* As Utopias não pertencem nunca ao estreito, efémero, e aburguesado dia de *hoje*, mas sempre ao radioso, ao justificativo, ao triumphal e espiritual *amanhã*.





EMPRESA DA HISTORIA DE
PORTUGAL :: LIVRARIA MO-
DERNA :: RUA AUGUSTA 95 ::
TYPOGRAPHIA :: RUA IVENS
45 :: LISBOA :: 1910